

ESPAÇO E IDENTIDADE EM ALEXANDRIA: O CONFLITO DE 38 D.C.

NICODEMO VALIM DE SENA *

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a relação que existe entre espaço, violência e formação e afirmação de identidade. Para tanto, buscamos compreender por meio da obra *In Flaccum*, de Filo de Alexandria, como espaços considerados comuns e abertos ao público, como ruas, praças e bairros, foram apropriados por um grupo étnico (gregos) em detrimento de outro grupo (judeus) no âmbito urbano da cidade de Alexandria no século I, durante uma revolta popular.

Palavras-chave: Alexandria, Identidade, Espaço.

Abstract: This article aims to analyze the relationship between space, violence and identity formation and affirmation. To this end, we seek to understand through the work *In Flaccum*, of Philo of Alexandria, considered as common spaces and open to the public, such as streets, squares and neighborhoods, were appropriated by an ethnic group (Greeks) over another group (Jews) as part of the city of Alexandria in the first century AD, during a popular uprising.

Keywords: Alexandria, Identity, Space.

Introdução

Alexandria, desde a sua fundação, possuía uma característica cosmopolita e o afluxo de diferentes povos para a cidade foi intenso e estimulado pelos soberanos Lágidas. Nessa multidão de povos, os relacionamentos entre dois deles, gregos e judeus, em momentos pacíficos e em outros momentos conflituosos, caracterizam o eixo principal deste artigo. Gregos e judeus conviviam em Alexandria desde tempos que remontam à fundação da cidade e, embora possamos encontrar uma literatura antijudaica produzida por gregos e egípcios helenizados circulando na cidade a partir do século III a.C., este tipo de produção tinha um consumo restrito, tendo por público alvo uma pequena parcela elitizada da população. A maior radicalização do conflito com os judeus se dá a partir da incorporação de Alexandria

Artigo recebido 24 de Julho em de 2014 e aprovado para publicação em 11 de Outubro de 2014

*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (nicodemovs@hotmail.com).

por parte dos romanos e tem seu ápice no ataque implementado contra os judeus em 38, durante o governo de Calígula (37-41).

Com Calígula, a situação dos judeus de Alexandria se tornou instável, sobretudo no que diz respeito à observância do culto imperial, devoção estimulada pelo imperador e que enfrentava relutância por parte dos judeus. Tal fato não passou despercebido às comunidades grega e egípcia da cidade, que logo o exploraram em seu benefício, fomentando acusações contra os judeus junto ao prefeito da cidade e ataques violentos aos judeus e suas instituições. Tais embates ficaram preservados nas obras de Filo de Alexandria. Escassas são as informações a respeito da vida de Filo, pois, apesar de sua extensa obra, o autor falou pouco sobre si em seus escritos. Flávio Josefo, um autor judeu contemporâneo, faz uma breve descrição de Filo como um homem notável, experiente em filosofia e irmão de Alexandre, o alabarca, termo que designava o responsável pela cobrança de impostos e importações.² Contudo, por meio do contexto histórico em que Filo viveu e das informações sobre sua família, podemos recuperar alguns dados da sua biografia.

Gaio Júlio Filo foi um erudito judeu que viveu em Alexandria no início do século I. Nascido por volta de 13 a.C., era oriundo de uma família de alta posição social e financeira que possuía ligações com a casa imperial. Seu irmão, Alexandre, foi procurador de Antônia, mãe do imperador Cláudio. Já seu sobrinho, Tibério Júlio Alexandre, governou a Judeia, foi prefeito do Egito sob o principado de Nero, comandante de Tito e prefeito do pretório. Seu pai era cidadão romano e desde a infância Filo foi instruído na cultura grega, fato que se comprova no uso competente da língua, no estilo das suas obras e nas menções que faz a diversos autores gregos, como Aristóteles, Eurípedes, Homero, Platão entre outros. Filo frequentava os teatros e provavelmente não falava o hebraico.³

Filo deixou mais de cinquenta tratados, nos quais trabalhou os mais variados temas, como legislação, teologia, filosofia e história. Neste último domínio, dispensou uma atenção particular aos eventos do Império Romano em que teve uma participação pessoal (o conflito entre gregos, egípcios e judeus no ano de 38 e as embaixadas enviadas a Calígula, nas quais atuou como delegado dos judeus). *Legatio ad Gaium* e *In Flaccun* ocupam um lugar especial no *corpus* filoniano, visto que a maioria das obras do autor é de natureza filosófica e

² JOSEFO, Flávio. *Antiguidades Judaicas*, XVIII, cap. X.

³ FAIA, Tatiana José Rodrigues. *Fílon de Alexandria; Flaco: tradução, introdução e notas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos)-Departamento de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010, p. 9-10; MOMIGLIANO, A. D. A cultura grega e os judeus. In: Finley, M. I. (org). *O Legado da Grécia uma nova avaliação*. Trad. Y. V. Pinto de Almeida. Brasília: ed. UnB, 1998, p.363-365.

exegética. Embora estas duas obras possam ser classificadas como históricas, devem ser analisadas com cuidado. Apesar de Filo ter a intenção de escrever a história, ele não faz isso por razões de interesse histórico. Sua principal preocupação não era historiográfica, mas sim de cunho teológico e pastoral.⁴

Em *In Flaccum*, obra escrita sob forma díptica (§ 1-96 e § 97-191) e carregada de imagens retóricas e dramáticas, Filo trata diretamente do conflito de 38, dos atores sociais envolvidos e de suas ações, que repercutem no espaço urbano de Alexandria. A obra foi publicada em 41 e tal proximidade com o evento é considerada um condicionante positivo, pois, a despeito dos recursos retóricos empregados, o autor não poderia se desviar em demasia dos fatos, conservados na memória do público. Tal desvio poderia expor o autor ao ridículo.⁵ A contribuição histórica da primeira parte do tratado é visível, uma vez que nela são relatados os pormenores do conflito. A segunda parte é destinada a narrar as desgraças que caíram sobre Flaco, prefeito romano da cidade, como punição divina devido à “má” conduta em relação aos judeus. Grande parte do que Filo aborda na segunda parte da obra não possui embasamento histórico, visto que reconstitui pensamentos de Flaco no exílio, mas alguns detalhes, como sua prisão, condenação e exílio, são históricos.

Filo na obra *Legatio ad Gaium* relata o envio de duas embaixadas (grega e judaica) ao imperador Calígula no ano de 39/40. A obra é uma invectiva contra o imperador e ilustra vários exemplos de seu comportamento “escandaloso”, responsável, segundo Filo, por suscitar a hostilidade dos alexandrinos contra os judeus. O autor enfatiza a “insanidade” de Calígula, suas pretensões divinas e os ataques aos judeus de Alexandria e de Jerusalém.⁶ Não sabemos precisar a data da publicação da obra, mas acreditamos que tenha ocorrido um pouco depois do envio das embaixadas ao imperador. Não sabemos se o autor teria tido coragem o suficiente para publicá-la antes da morte de Calígula (41), mas, como a morte de Filo se situa por volta do ano 50, a obra foi publicada entre estes dois acontecimentos. Da mesma forma que *In Flaccum*, *Legatio* possui partes fictícias, como quando Filo recria diálogos inteiros de alguns personagens com o qual não tivera contato.⁷

⁴ VAN DER HOST, P. *Philo of Alexandria “Flaccus”*. Leiden: Brill, 2003, p.1.

⁵ VAN DER HOST, 2003, p. 11.

⁶ SMALLWOOD, E. Mary. *Philonis Alexandrini. Legatio ad Gaium*. Leiden: Brill, 1970, p.3-4.

⁷ MARTÍN, J. P. *Fílon de Alejandría*. Madrid: Trotta, 2009, p. 187.

Neste artigo utilizamos como fonte a obra *In Flaccum*,⁸ visto que apresenta um grande número de elementos que permitem entender a relação entre espaço, violência e identidade no ambiente urbano de Alexandria.

Alexandria: a joia do egipto

A cidade de Alexandria foi fundada em 331 a.C. e se tornou uma das cidades mais importantes do Mediterrâneo. Possuía uma riqueza enorme e era adornada por belos edifícios e templos, construídos, sobretudo, durante o reinado dos três primeiros Ptolomeus.⁹ Vários fatores contribuíram para o crescimento de Alexandria, desde sua posição geográfica favorável, até os investimentos em setores culturais, como a biblioteca e o museu. O fato é que Alexandria se tornou uma terra de oportunidades e quanto maior e mais heterogênea for uma cidade, maiores serão os atrativos oferecidos por ela, pois a variedade promete oportunidade, atraindo as pessoas, sobretudo os estrangeiros.¹⁰ Tal característica não era desconhecida pelos soberanos Lágidas, visto que não só permitiam o afluxo de diferentes povos para Alexandria, mas também o estimulavam.¹¹

Já no século III a.C., durante o governo de Ptolomeu Filadelfo, podemos perceber o resultado deste estímulo, nos escritos do poeta Teócrito, que em seu *Idílio das Siracusanas*, fornece, por meio de sua personagem Gorgo, um relato do grande número de pessoas que transitavam pelas ruas de Alexandria, pois ela relata nos versos 44-45: “pelos deuses, que multidão! Como e quando é que conseguiremos atravessar este inferno? Parecem formigas: nunca mais acabam!”.¹²

A composição populacional de Alexandria a caracteriza como um “mosaico cultural”, pois diferentes povos trouxeram para a cidade diferentes culturas, religiões, línguas e valores.¹³ As diversas etnias que compunham o quadro social de Alexandria, normalmente se organizavam em *politeuma*, uma corporação cívica, semiautônoma, separada, tendo seu

⁸ Utilizamos no presente artigo, o volume V, da coleção Obras Completas de Filo de Alexandria, dirigida e traduzida por José Pablo Martín, publicado pela editora TROTTA, sob o título *Fílon de Alejandría*, em 2009.

⁹ HAMILTON; FALCONER. *The Geography of Strabo, vols. I-II*. Livros I-XVII. Londres, G. Bell, 1903-1906.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.47.

¹¹ CLÍMACO, Joana Campos. *Cultura e poder na Alexandria romana*. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p.18.

¹² HÉLIO, Ramos da Silva. *O idílio XV de Teócrito: as siracusanas ou as mulheres que celebram Adónis*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos)-Departamento de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011, p.53.

¹³ CLÍMACO, *op. cit.*, p. 18, nota 8.

próprio conselho exercendo poder administrativo e judicial sobre os seus membros. A cidade tornou-se um emaranhado de *politeumata*, tendo por base as mais diversas estirpes, como persas, judeus, misios, trácios, cilícios e idumeus, sendo o *politeuma* grego o mais importante dentre eles.¹⁴ Entre essa multidão de povos, o relacionamento, a interação de dois deles, grego e judeu, chama a nossa atenção

Os gregos se espalharam por quase todo o Egito ptolomaico e por todas as regiões estrangeiras dominadas pelos Lágidas, mas foi na capital, com sua grande importância comercial, que eles se fixaram. Em Alexandria, os gregos ocuparam os principais cargos de destaque na sociedade, atuando como administradores de bancos, engenheiros, agrônomos e exercendo a função de comerciantes, tanto a nível local, quanto no comércio mediterrâneo. Os gregos também tiveram grande destaque na carreira administrativa, função na qual ocuparam os mais altos escalões, pelo menos até o final do século II.¹⁵ Os judeus que se estabeleceram em Alexandria também atuaram em várias atividades, até mesmo disputando espaço com os gregos em algumas delas, como: agricultura, artesanato, comércio, administração pública e participação no exército.¹⁶

Viver em uma cidade é estar próximo, é viver junto a estranhos, a cena urbana se configura como um caleidoscópio, sempre com novidades e surpresas. A vida em um ambiente urbano é uma experiência ambivalente, que atrai e afasta. Neste contexto de grande variedade de tipos humanos e modos de vida, dois sentimentos podem ser gerados e nutridos, um deles é a mixofobia, que é o medo de se misturar, o outro é a mixofilia, que ao inverso do primeiro, representa o desejo de se misturar com as diferenças.¹⁷

Gregos e judeus se adaptaram bem a vida local, visto que em Alexandria, a mistura, a fusão de culturas, parecia ser algo inevitável e estava presente na sociedade como um todo. No Egito, os gregos praticavam casamentos mistos, eram mumificados e enterrados com os

¹⁴ QUARANTA, E. A população grega em Alexandria no século III a. C. In: AVELINO, Y.D. *Polifonias da cidade*. São Paulo: D'Escrever, 2009, p. 66.

¹⁵ QUARANTA, 2009, p. 64-65.

¹⁶ PINSKY, J. *Os judeus no Egito helenístico*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1971, p. 97-109.

¹⁷ BAUMAN, 2009.

livros dos mortos.¹⁸ Os judeus também se adaptaram ao meio, muitos se helenizaram, adotando tanto a língua como a indumentária local.¹⁹

Apesar dessa assimilação cultural, dessa mixofilia, os dois povos mantiveram vivas suas tradições culturais e étnicas, sua identidade. Alexandria era uma cidade grega por excelência, possuindo típicas instituições gregas, como Ginásio, teatros, banhos, etc. Os judeus, por sua parte, devido ao seu bom relacionamento com os soberanos Lágidas conseguiram manter muito de sua tradição - edificavam sinagogas, recolhiam impostos para o Templo de Jerusalém, enfim, conquistaram uma notável autonomia em solo alexandrino.²⁰

A chegada de roma

A cidade de Alexandria durante o século I enfrentava uma realidade distinta da que vivenciou nos períodos precedentes de sua história, sendo marcada por medidas administrativas implementadas por Roma, que empreende uma ampla reestruturação política, econômica e sociocultural na cidade a partir de 30 a. C.

Roma incorpora o Egito em 30 a.C., mas o contato entre os Estados vinha ocorrendo desde o século III por meio de relações comerciais e diplomáticas. A chegada de Otávio ao Egito representa o fim da era ptolomaica e também formaliza o papel de liderança única do Império que passa a exercer, mediante a vitória sobre Marco Antônio e Cleópatra na Batalha de Ácio. O Egito deixa agora de ser um reino soberano e se torna uma província do Império Romano. Alexandria, que havia sido por séculos a “capital” financeira e cultural do Mediterrâneo oriental, se torna capital da província do Egito.²¹

O Egito era um país bastante peculiar, fato esse que fez com que Augusto o tratasse de modo distinto. Vários fatores tornavam o Egito uma província especial, sendo o primeiro deles, a sua importância econômica, uma vez que era o maior produtor de cereais

¹⁸ LEVÊQUE, P. *A aventura grega*. Lisboa: Cosmos, 1967, p. 449; FERREIRA, Jose Ribeiro. *A Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 228; RIGGS, Christina. *The beautiful burial in Roman Egypt: art, identity and funerary religion*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 2.

¹⁹ POLIAKOV, L. *De Cristo aos judeus da corte*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 6; CLÍMACO, 2007, p. 19; SELVATICI, Mônica. *Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos*. 2006. Tese (Doutorado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006, p. 138.

²⁰ CLÍMACO, 2007, p. 19.

²¹ FAIA, 2010, p. 13-14.

(especialmente trigo) do Mediterrâneo, sendo a maior parte da produção cerealífera enviada a Roma.²²

Jones considera que a peculiaridade no tratamento dispensado por Augusto ao Egito resulte também de questões de sagacidade política e militar, pois o Egito, além de sua grande importância econômica, era protegido por desertos, ou seja, possuía uma posição geográfica estratégica em caso de manobras militares.²³ Outras especificidades estavam relacionadas à grandeza cultural e ao notório desenvolvimento urbano de Alexandria, que causava admiração aos romanos.²⁴ Teriam sido esses os principais motivos pelos quais Augusto não delegou a administração do território egípcio a um senador, o que poderia representar uma possível ameaça. No Egito, fazia-se necessária uma administração vinculada diretamente à *domus*.

No Egito, Augusto implementou algumas medidas que assinalaram o domínio romano sobre a região, nomeando um administrador para a província retirado do *ordo equester*, que deveria residir em Alexandria e prestar contas ao imperador de tudo o que ocorresse. O exército egípcio foi dissolvido e substituído por legiões permanentes do exército romano.²⁵ Augusto também proibiu a entrada de senadores romanos no Egito, mesmo que possuíssem propriedades na região. Dessa forma, todos os altos funcionários da província eram equestres.²⁶

Somada às inovações realizadas no sistema burocrático egípcio, outra importante mudança instituída pelos romanos foi a introdução do censo, que definia o status dos indivíduos e repercutia diretamente no sistema de cobrança de impostos.²⁷ Augusto desenvolveu pouco a pouco a reforma econômica iniciada por César, abolindo o sistema de dízimas e substituindo-o pelo imposto “por cabeça”, o *tributum capitis*.²⁸ Um novo imposto foi então criado, a *laografia*, ao qual a maioria da população estava sujeita. Apenas cidadãos romanos e gregos dele estariam isentos. Além de representar um pesado encargo financeiro,

²² CLÍMACO, Joana campos. *A Alexandria dos antigos: entre a polêmica e o encantamento*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós – Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 168.

²³ JONES, A. H. M. A última crise: o Império Romano até seu declínio. In: BALSDON, J.P.V. (Org). *O mundo romano*. Trad. Victor M. de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.64.

²⁴ CLÍMACO, *op. cit.*, p.31.

²⁵ FAIA, 2010, p.13.

²⁶ MENDES, Norma Musco. O sistema político do Principado. In: SILVA, G.V.; MENDES, N.M. (Org). *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006, p. 32.

²⁷ CLÍMACO, 2007, p.16.

²⁸ JONES, 1968, p. 64; MENDES, *op.cit.*, p.31, nota 23.

este imposto acentuava as diferenças sociais entre cidadãos e não cidadãos. Grupos como o dos judeus que, embora não possuíssem a cidadania plena, detinham certa autonomia em termos religiosos e sociais, tiveram seu status social igualado ao dos egípcios, fato que não os agradou.²⁹ Tal inovação simplificou a identificação étnica da população, facilitando o trabalho dos administradores romanos, mas isso foi feito sem se considerar a diversidade cultural de Alexandria, algo bastante antigo por sinal.

Com a dominação romana, começaram a se intensificar os conflitos entre as comunidades grega e judaica. Dois aspectos podem ser analisados como geradores de contendas entre gregos e judeus em Alexandria. O primeiro diz respeito às crenças e práticas religiosas que colocavam os judeus à parte, em relação aos outros cultos existentes. O segundo aspecto está relacionado à luta por maiores direitos políticos.

Com Augusto, algumas mudanças começaram a ocorrer na política em relação aos judeus. Na organização social da cidade, os romanos têm a primazia, seguida pelos gregos e, por último, pelos demais povos. Embora os judeus tenham conseguido a isenção do culto imperial, perderam alguns direitos, como o de integrar o serviço militar e o de recolher impostos em nome do soberano, atividade que haviam exercido sob os Lágidas e que passaram a ser exercidas pelos romanos e gregos.

Na busca de recuperar privilégios perdidos e obter cidadania, somando o fato de já gozarem de benefícios imperiais, além da questão de estarem situados em uma cidade onde existia uma herança de hostilidade egípcia em relação às práticas e costumes judaicos, os judeus suscitaram a hostilidade por parte dos gregos, que temiam a perda de *status* em Alexandria.

Sob Calígula a situação judaica fica bastante comprometida, pois os gregos se aproveitam da grande importância que este dava ao culto imperial e fazem acusações ao povo judeu de não reverenciar o imperador. Em 40, duas comissões são enviadas a Roma, uma representando os gregos, liderados por Ápio e outra representando os judeus, liderados por Filo. Os conflitos entre estes dois povos só chegam ao término com a morte de Calígula e com o início do governo de Cláudio.

²⁹ SELVATICI, 2008, p.32.

Identidade e espaço

Percebemos em Alexandria uma profunda luta de identidades. A identidade, tal como a diferença, é uma relação social, por isso, sua definição discursiva e linguística, está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Identidade e diferença não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem de forma harmoniosa, elas são disputadas. A identidade e a diferença se traduzem nas declarações sobre quem pertence e sobre quem está ou não incluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, essas separações e distinções, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam as relações de poder.³⁰ Filo demonstra claramente como a questão de identidade se sobressai no conflito ocorrido em Alexandria, pois ao reclamar providências do prefeito, ele divide a população do país em dois grupos, “nós e eles”.³¹ Quando Filo divide o mundo social em “nós e eles”, realiza um processo de classificação. Processos de classificação são centrais na vida social e, de certa forma, as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade.³²

Em diversos momentos na obra de Filo, o autor evidencia relações de poder envolvendo basicamente três elementos sociais: o primeiro seria o grupo dos gregos e alexandrinos, representados pelas lideranças políticas gregas da cidade, sobretudo os membros do Ginásio, considerados como sendo sediciosos e insubordinados, nos dizeres de Filo “estes Dionísios, adutores do povo, estes Lampões funcionários de pouca categoria, estes Isidoros sediciosos, tramadores de argúcias e de males, agitadores de cidades”.³³ O segundo elemento social seria o dos romanos, representados na figura de Flaco, prefeito da cidade de Alexandria, visto como um funcionário que não fazia um bom uso de seu cargo, uma vez que favorecia aos gregos nas suas decisões, tanto em ações diretas, como quando reteve em seu poder um decreto feito pelos judeus em honra a Gaio, ao invés de enviá-lo ao Imperador,³⁴ quanto em ações indiretas, agindo por meio de omissões, pois Filo relata que Flaco “fazia que não via o que via e que não ouvia o que ouvia”.³⁵ E por último, temos o grupo dos judeus, considerados pelo autor como povo pacífico e ordeiro, que, por natureza

³⁰ SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.81-82.

³¹ FILO, *In Flaccum*, 2009, cap. VI, p. 203.

³² SILVA, *op.cit.*, p. 82, nota 27.

³³ FLAC., cap. IV, p. 198.

³⁴ *Ibid.*, cap. XII, p. 215.

³⁵ *Ibid.*, cap. VI, p. 202.

eram inclinados para a paz, vítimas das ações conjuntas dos dois primeiros elementos analisados.³⁶

Para analisar as relações de poder e a apropriação do espaço em Alexandria, tomaremos por base os estudos de Norbert Elias e Scotson.³⁷ Na concepção desses autores, em sociedades marcadas por relações desiguais de poder, os grupos sociais mais antigos e coesos são os que controlam ou se beneficiam dos diversos *locus* de poder. Sendo assim, passam a ditar as regras e a demarcar os territórios (físicos ou sociais) diante dos demais grupos. Com isso cria-se uma oposição *estabelecidos* x *outsiders* em que os *outsiders* não aceitam a configuração social imposta e passam a exercer pressões tácitas ou deliberadas no sentido de reduzir os diferenciais de poder tidos como responsáveis por sua situação inferior, ao passo que os *estabelecidos* fazem a mesma coisa em prol da preservação ou até mesmo do aumento desses diferenciais.³⁸ Essa dinâmica leva a uma situação de conflito, de disputa por espaços que, no caso alexandrino, desemboca em atos de violência pelas ruas da cidade.

A violência é uma forma de interação entre pessoas e, como tal, precisa de um espaço para se desenvolver. Ela é intencional, é dotada de pessoalidade e se realiza mediante a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo com a finalidade de destruir, ofender e coagir. A violência necessita de interação, de contato, ela é sempre percebida como uma resposta a outra violência. É a partir do outro que ameaças, agressões e hostilidades nos atingem e se fundamentam em nós.³⁹

O conflito entre gregos e judeus, ganha maior evidência quando Herodes Agripa, rei da Judéia, ao retornar de Roma, passa por Alexandria, sendo recebido com grande júbilo e pompa pelos judeus alexandrinos. Este episódio serviu para exacerbar a antiga hostilidade existente entre esses dois grupos, pois os gregos e egípcios helenizados, insatisfeitos com a reação dos judeus, fizeram circular contra Herodes e seus correligionários toda espécie de sátiras e pilhérias.⁴⁰ O problema se agrava, dando espaço a profanações e destruições das sinagogas espalhadas pela cidade, saques, torturas, assassinatos e expulsão dos judeus de determinados bairros da cidade. Na obra *In Flaccum*, podemos perceber de que modo durante

³⁶ *Ibid.*, cap. VII, p. 204.

³⁷ ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

³⁸ *Ibid.*, p. 37.

³⁹ DADOUN, R. *A violência: ensaio acerca do “homo violens”*. Rio de Janeiro: Difel, 1998, p.63.

⁴⁰ MORAIS, V. *Pequena história do antissemitismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p.50.

o período da revolta alguns espaços da cidade eram ocupados por gregos e ressignificados para estigmatizar os judeus.

Michel de Certeau ao trabalhar a diferença entre lugar e espaço, define o primeiro como sendo a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. No lugar impera a lei do “próprio”, os elementos se acham um ao lado do outro, cada um ocupando um lugar próprio e distinto que define. Nessa concepção o lugar implica em estabilidade. Diferentemente, o espaço é um cruzamento de móveis, é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o temporalizam, levando-o a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço não tem a univocidade e a estabilidade de um “próprio” que possui o lugar. O espaço é um lugar praticado por aqueles que nele interagem.⁴¹ Navarro entende o espaço como uma das dimensões existenciais do ser humano, pois considera que a maior parte das ações humanas abrangem um aspecto espacial. O espaço na sua característica existencial forma para o ser humano a imagem estável do ambiente que o rodeia, lhe faz pertencer a uma totalidade social e cultural, expressa o seu lugar no mundo, torna o indivíduo membro de uma sociedade.⁴² O espaço é um formador e um afirmador de identidades, afinal, praticamos o espaço, estabelecemos com ele uma relação de mão dupla, o moldamos e somos moldados por ele, nessa interação, nessa prática de espaço, ocorre a individualização dos limites e das fronteiras espaciais comuns, o grupo passa a exprimir a si mesmo e a construir a sua identidade própria.⁴³

A organização do espaço segue uma lógica de hierarquia e se configura como a expressão das instituições sociais, dos sistemas, dos grupos de determinada sociedade, ou seja, a organização espacial reflete, reforça e direciona a comunicação entre os membros de um grupo humano por meio das significações culturais transmitidas como códigos dentro de uma sociedade.⁴⁴ Reconhecendo que o espaço não é passivo e nem vazio, pois é produzido por ações e reações e que na disputa por espaços na cidade de Alexandria o recurso à violência foi utilizado, elencamos na obra de Filo alguns elementos espaciais que permitem entender a relação entre espaço, identidade e violência.⁴⁵ A nossa escolha em analisar locais

⁴¹ CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 202.

⁴² NAVARRO, Alexandre G. Sobre El concepto de espacio. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17:3-21, 2007, p.4-6.

⁴³ LESSA, Fábio. S.; CODEÇO, Vanessa F. S. O ginásio como espaço de formação de cidadãos: as práticas esportivas na Grécia Antiga. *Phoînix*, Rio de Janeiro, Vol. 17, n. 2, p. 38-50, 2011, p. 42.

⁴⁴ NAVARRO, 2007, p.14.

⁴⁵ LEFEBVRE, Henry. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974], p. 20.

públicos se deu pela riqueza da fonte neste aspecto e pelo maior grau de interação entre pessoas diferentes neste tipo de espaço. Afinal um espaço é considerado público, à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem precisar que sejam previamente selecionados e são nos locais públicos que a vida urbana e aqueles fatores que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais complexa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos.⁴⁶ Procuramos analisar alguns elementos espaciais que, embora pudessem ser considerados como espaços abertos, voltados para a utilização de todos, no período de conflito entre gregos e judeus, foram utilizados por um grupo em detrimento do outro. Os elementos espaciais analisados foram: o espaço da rua, o espaço da praça e o espaço do bairro.

O espaço da rua

Navarro ao tratar dos elementos constitutivos do espaço confere uma atenção especial aos chamados “caminhos”, os caminhos ou ruas seriam os canais ao largo dos quais se movem um observador, seja ele, habitual, ocasional ou potencial.⁴⁷ A rua exerce uma função de eixo organizador, representa uma direção simbólica, unificando certo número de elementos entre si e os relacionando para formar um todo mais amplo. Alexandria foi desenhada por Deinócrates de Rodes, era uma cidade em tabuleiros, com sete ruas paralelas à principal e cortada por outras onze ruas também paralelas entre si.⁴⁸ Suas ruas eram bem pavimentadas e frequentadas por todos os tipos de pessoas, por certo a mais famosa era a Canópica, a rua principal da cidade, que possuía uma largura de trinta metros e atravessava a cidade de leste a oeste.⁴⁹

A rua é um espaço público por excelência, sua função mais significativa está atrelada à ideia de movimento. Estrabão assim nos fala sobre as ruas de Alexandria: “Toda a cidade é cortada por estradas para a passagem de cavaleiros e carros.”⁵⁰ As ruas de uma cidade cosmopolita como Alexandria eram frequentadas por uma multidão de pessoas, por uma mistura de gregos, nativos e outros povos.⁵¹ Considerando a rua como um “lugar praticado”,

⁴⁶ BAUMAN, 2009, p. 69-70.

⁴⁷ NAVARRO, *op.cit.*, p.18, nota 39.

⁴⁸ FERREIRA, 1992, p. 214.

⁴⁹ SILVA, 2011, p.26.

⁵⁰ ESTRABÃO, 1906, Liv. 17.1.

⁵¹ QUARANTA, 2009, p. 61.

ela assume uma gama enorme de significações, sempre relacionadas ao sentido de interação humana. O significado da rua pode ter dimensões sagradas ou profanas dependendo de seu uso para festas, comércio, cortejos, procissões religiosas, entre outros.

Em geral, a rua é um espaço utilizado por todos, Filo relata que em Alexandria existia um louco, de nome Carabás, que passava os dias e as noites desnudo a andar pelas ruas da cidade, sendo a diversão dos jovens ociosos.⁵² Mas Filo relata também que no momento do conflito, as ruas de Alexandria foram utilizadas pelos gregos como espaço de punição aos judeus, como palco de exibição para os atos de violência, pois a rua dava publicidade ao ato, permitia a participação de um maior número de pessoas. A violência se vale da demonstração de força e a utiliza para instaurar, consolidar ou ampliar o controle coercitivo de uma dada situação.⁵³ A rua se torna agora não apenas palco, mas parte integrante de uma ferramenta de humilhação, tortura e execução aos judeus, pois segundo Filo:

Uma vez mortos estes, aqueles não diminuían sua fúria, pois ultrajes mais graves cometiam aos cadáveres, arrastando-os por quase todas as ruas da cidade, até que do cadáver não sobrava nada, destroçados sua pele, suas carnes, seus músculos, pelas irregularidades e dureza do solo, e os membros que haviam sido um organismo unido eram despedaçados e dispersados por toda parte.⁵⁴

O espaço da praça

De todos os locais que serviram de suporte para a prática da violência no caso alexandrino, sem dúvida a praça foi um dos espaços mais simbólicos e, portanto o mais utilizado. A praça representa o centro, um ponto de referencia em meio a uma totalidade. Nas cidades antigas as ruas conduziam para este ponto focal de forma “espontânea”, “natural”. A praça se configura como um centro de atividades no coração de uma área urbana intensiva, tem fácil acesso às ruas, a edifícios públicos, disponibiliza serviços como feiras e mercados, que atraem um grande número de pessoas.⁵⁵

O elemento mais distintivo de uma estrutura urbana é a praça, às vezes só temos a impressão que realmente chegamos a uma cidade, quando chegamos a sua praça. A praça é um lugar claramente delimitado, é mais facilmente imaginável, representa uma meta para o

⁵² FLAC., cap. VI, p. 202

⁵³ STOPPINO, M. Violência. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: EDUNB, 1998, p. 1293.

⁵⁴ FLAC., cap. IX, p. 209.

⁵⁵ NAVARRO, 2007, p. 10-11; LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 413.

movimento. A praça satisfaz as necessidades humanas básicas, é o espaço do comércio, da interação, o centro. A praça, assim como qualquer forma espacial também representa um espaço de conflito, o espaço é a metáfora de domínio de um grupo sobre outro.⁵⁶

A praça ficava no bairro grego, próxima aos principais edifícios da cidade, ponto de encontro dos cidadãos, grupo do qual os judeus não faziam parte, pois tinham o status de estrangeiros com direito de residência.⁵⁷ Filo apresenta a praça como espaço voltado para o comércio e local de reuniões. Esta mesma praça, durante o conflito, foi ressignificada, disputada, fornecendo espaços para atos de violência contra os judeus. A praça se tornou um espaço proibido aos judeus, uma fronteira, um espaço inacessível, ou só acessível para lá sofrerem castigos. Toda fronteira tem dois lados, visto que, divide um espaço antes uniforme em “dentro” e “fora”, sendo que o que é “dentro” para quem está de um lado, se torna “fora” para quem está do outro lado.⁵⁸

Após terem sido expulsos, saqueados, proibidos de exercerem suas funções, sobreveio a fome. Alguns judeus ainda detentores de recursos, se dirigiam à praça do mercado para comprar alimentos e segundo Filo:

[...] Não podendo mais suportar a penúria, uns, apesar de não terem este costume, acudiram a casas de familiares e amigos, para pedir caridade para suas primeiras necessidades, mas outros, mais orgulhosos de espírito, considerando que mendigar era digno de escravos e servos, não se dirigiam ao mercado para outra coisa, do que comprar alimentos para os seus e para si mesmo.⁵⁹

Filo continua em seu relato, que as punições não tardavam em acontecer a esses judeus “intrusos”, segundo o autor “os desventurados eram imediatamente apanhados pelas forças populares, eram assassinados à traição, arrastados e golpeados por toda a cidade”.⁶⁰ O outro modo pelo qual os judeus tinham acesso à praça, era pela coerção, forçados pelas autoridades, para ali, em um espaço público, serem submetidos a acusações e escárnios, Filo nos narra a prisão dos chefes da comunidade judaica, “Flaco, tomando os trinta e oito membros que se

⁵⁶ *Ibid.*, p. 10-11.

⁵⁷ WOLFSON, A. H. Philo on Jewish Citizenship in Alexandria. In: *The Society of Biblical Literature* 63, 1944, p. 165-168.

⁵⁸ BAUMAN, 2009, p. 39.

⁵⁹ *FLAC.*, cap. IX, p. 208.

⁶⁰ *Ibid.*, cap. IX, p. 208.

encontravam em suas casas, diretamente os manda prender e envia estes anciãos, presos, com as mãos atadas, em uma bela procissão, pelo meio da praça do mercado”.⁶¹

A praça se tornou monopólio dos gregos, visto que eles continuavam exercendo suas atividades comerciais nesse local, mas agora, seus estabelecimentos estavam enriquecidos com novos artigos para serem comercializados, os produtos saqueados das casas e bairros judaicos que eram livremente negociados no centro do mercado.⁶²

O espaço do bairro

Os judeus chegaram a ocupar dois bairros na cidade de Alexandria, embora também habitassem nos demais bairros espalhados pela cidade. Este fato demonstra que a população judaica em Alexandria era bastante expressiva, pois se levarmos em consideração que a cidade era dividida em cinco bairros, os judeus ocupavam então, mais de dois quintos da cidade. Sobre a formação dos bairros judaicos, encontramos na historiografia analisada, dois posicionamentos distintos, o primeiro confere aos judeus um caráter fortemente separatista e preconceituoso, pois ao considerarem seus países de exílio um lugar profano e seus habitantes filhos do erro e da superstição, os judeus preferiam evitar contato com eles, daí se agruparem em quarteirões separados.⁶³ O segundo posicionamento, se dá por meio de uma revisão feita por autores mais recentes, que consideram o fato de que os judeus, assim como os demais grupos imigrantes na cidade, se reuniam para executar suas práticas religiosas, para manter uma convivência social com parentes e pessoas que possuíam uma herança cultural comum.⁶⁴ Do hábito de morarem próximos um dos outros, surgiram os bairros judaicos, uma vez que esta proximidade favorecia a conservação de hábitos e crenças ancestrais em um meio às vezes marcado pela hostilidade.⁶⁵

Filo nos fala sobre a invasão e expulsão dos judeus de suas casas e de seus bairros, o autor nos diz que: “os judeus de quatro distritos da cidade foram expulsos de suas casas, e reunidos em um lugar muito pequeno. Os judeus, pelo seu grande número, se espalharam pelas costas e cemitérios, privados de todas as suas propriedades”.⁶⁶

⁶¹ *Ibid.*, cap. X, p. 210.

⁶² *Ibid.*, cap. XIII, p. 207.

⁶³ FLANNERY, E. H. *A angústia dos judeus*. São Paulo: IBRASA, 1968, p. 28.

⁶⁴ MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p.59.

⁶⁵ MOMIGLIANO, 1998, p. 365.

⁶⁶ *FLAC.*, cap. XIII, p. 206.

A violência é exercida contra a vontade da vítima e representa a alteração danosa do estado físico do indivíduo ou grupo. A violência pode ser direta ou indireta, ambas prejudiciais para quem a sofre. Ela é direta quando atinge de maneira imediata o corpo da vítima e indireta quando opera por meio de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra, como o impedimento ao livre acesso a determinadas áreas, destruição, danos ou até mesmo subtração de recursos.⁶⁷

Viver em uma cidade habitada por tamanha variedade de pessoas e povos como em Alexandria, faz com que cada bairro étnico, se torne um refúgio cultural, um território delimitado e definido, uma ilha do “nós”, ou seja, uma comunidade de semelhantes. Ao expulsarem os judeus de seus bairros, casas e locais de trabalho, os gregos estavam colocando em prática uma violência indireta, com a nítida finalidade de destruir ou ao menos enfraquecer a identidade judaica, pois se rompia o contato, a proximidade física, a estabilidade e a segurança de um lar e da companhia de vizinhos. Filo narra que depois desses atos, “os judeus caíram assediados e rodeados de inimigos, pressionados pela pobreza e escassez extrema de todo necessário”.⁶⁸

A atitude dos gregos de expulsarem os judeus de seus bairros constitui uma forma de enfraquecer a identidade judaica, pois perdiam suas casas, seus bairros. Em Navarro podemos entender o papel que representa para o indivíduo residir em algum lugar, a residência é considerada propriedade essencial da existência.⁶⁹ Quando residimos, construímos, fixamos raízes, interagimos com pessoas vizinhas, enfim, damos uma significação especial ao espaço.

Considerações finais

Alexandria se destacou muito durante o período helenístico, possuía uma enorme riqueza gerada pelo comércio mediterrâneo, além de um investimento expressivo no setor cultural, possuindo palácios, biblioteca e museu, por isso se tornou uma terra de oportunidades, e o afluxo de povos, que era uma política Lágida, foi otimizado. Pessoas das mais variadas etnias viviam na cidade. Gregos e judeus se organizaram em *politeuma*, participaram da administração da cidade e desempenharam várias funções, mas apesar da assimilação de elementos culturais, viver na cidade implica em estar próximo a diferentes, o

⁶⁷ STOPPINO, 1998, p.1291-1292.

⁶⁸ FLAC., cap. IX, p. 207.

⁶⁹ NAVARRO, 2007, p. 8.

que faz com que cada grupo gere estratégias e práticas para afirmar, fortalecer e defender sua identidade.

Com a chegada de Roma, ocorre uma reorganização social: recursos, espaços passam a ser disputados, gerando uma situação de violência entre os dois povos. A violência é uma intervenção física, ela muda o estado do corpo ou de suas possibilidades ambientais, mas também age com a finalidade de fortalecer as identidades, visto que a identificação de um inimigo comum reforça a identidade grupal.

Por meio da obra de Filo, conseguimos perceber como alguns espaços foram apropriados e dotados de uma significação nova, tanto por gregos quanto por judeus, durante a revolta ocorrida no período em que Calígula era o Imperador romano. Espaços como ruas, bairros e praças se tornaram elementos constitutivos e reforçadores para a identidade grega e passaram a ser entendidos como espaços de estigmatização do povo judaico. O espaço é um meio de interação entre pessoas e o significado espacial é obtido mediante as práticas sociais nele executadas. Ou seja, os significados sociais se aderem à estrutura espacial quando meio da atividade humana, as pessoas ativamente dão seus significados ao espaço e dessa forma atuam sobre esses significados.⁷⁰ A diferenciação espacial é muitas vezes utilizada como forma de criar e manter divisões de poder dentro de uma sociedade.

Referências bibliográficas:

Documentação primária impressa (livros):

ESTRABÃO. *Geografia*. In: HAMILTON; FALCONER. *The Geography of Strabo, vols. I-II*. Livros I-XVII. Londres, G. Bell, 1903-1906.

FILO. *In Flaccum*. In: MARTÍN, J. P. Fílon de Alejandría. Madrid: Trotta, 2009, p. 235 - 301.

_____. *In Flaccum*. In: VAN DER HOST, P. *Philo of Alexandria "Flaccus"*. Leiden: Brill, 2003.

_____. *Legatio ad Gaium*. In: SMALLWOOD, E. Mary. *Philonis Alexandrini. Legatio ad Gaium*. Leiden: Brill, 1970.

JOSEFO. *Jewish Antiquities*. London: Harvard University Press, 1958. (The Loeb Classical Library)

⁷⁰ *Ibid.*, p. 12.

Obras de apoio (livros):

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DADOUN, R. *A violência: ensaio acerca do “homo violens”*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FERREIRA, Jose Ribeiro. *A Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- FLANNERY, E. H. *A angústia dos judeus*. São Paulo: IBRASA, 1968.
- LEFEBVRE, Henry. *La Production de l'Espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].
- LEVÊQUE, P. *A aventura grega*. Lisboa: Cosmos, 1967.
- LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- MARTÍN, J. P. Fílon de Alejandría. Madrid: Trotta, 2009, p. 235 - 301.
- MEEKS, W. A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- MORAIS, V. *Pequena história do antissemitismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- PINSKY, J. *Os judeus no Egito helenístico*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1971.
- POLIAKOV, L. *De Cristo aos judeus da corte*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- RIGGS, Christina. *The beautiful burial in Roman Egypt: art, identity and funerary religion*. New York: Oxford University Press, 2005.
- SMALLWOOD, E. Mary. *Philonis Alexandrini. Legatio ad Gaium*. Leiden: Brill, 1970.
- VAN DER HOST, P. *Philo of Alexandria “Flaccus”*. Leiden: Brill, 2003.
- WOLFSON, A. H. Philo on Jewish Citizenship in Alexandria. In: *The Society of Biblical Literature* 63, 1944, p. 165-168.

Capítulos de livros:

- JONES, A. H. M. A última crise: o Império Romano até seu declínio. In: BALSDON, J.P.V. (Org). *O mundo romano*. Trad. Victor M. de Moraes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.58-79.
- MENDES, Norma Musco. O sistema político do Principado. In: SILVA, G.V.; MENDES, N.M. (Org). *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006, p. 21-51.
- MOMIGLIANO, A. D. A cultura grega e os judeus. In: Finley, M. I. (org). *O Legado da Grécia uma nova avaliação*. Trad. Y. V. Pinto de Almeida. Brasília: ed. UnB, 1998, p.359-380.
- QUARANTA, E. A população grega em Alexandria no século III a. C. In: AVELINO, Y.D. *Polifonias da cidade*. São Paulo: D'Escrever, 2009.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

STOPPINO, M. Violência. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: EDUNB, 1998.

Dissertações/Teses:

CLÍMACO, Joana Campos. *Cultura e poder na Alexandria romana*. 2007. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. *A Alexandria dos antigos: entre a polêmica e o encantamento*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós – Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FAIA, Tatiana José Rodrigues. *Fílon de Alexandria; Flaco: tradução, introdução e notas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos)-Departamento de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

HÉLIO, Ramos da Silva. *O idílio XV de Teócrito: as siracusanas ou as mulheres que celebram Adónis*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos)-Departamento de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

SELVATICI, Mônica. *Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos*. 2006. Tese (Doutorado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

Periódicos:

LESSA, Fábio. S.; CODEÇO, Vanessa F. S. O ginásio como espaço de formação de cidadãos: as práticas esportivas na Grécia Antiga. *Phoînix*, Rio de Janeiro, Vol. 17, n. 2, p. 38-50, 2011.

NAVARRO, Alexandre G. Sobre El concepto de espacio. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17:3-21, 2007.